

RESUMO EXECUTIVO – CADERNO 5: ECONOMIA – PRODUÇÃO PRIMÁRIA

1. INTRODUÇÃO

O setor primário da economia é caracterizado pela atividade econômica que extrai matérias-primas da natureza, transformadas em bens de consumo. É formado por atividades que trabalham com recursos naturais ou produtos primários, entre elas a Agricultura, a Pecuária, a Silvicultura, a Pesca, o Extrativismo Mineral e Vegetal. Considerado como o início da cadeia produtiva, é este o tema deste Resumo Executivo do **Plano Estratégico de Desenvolvimento Econômico e Social do Estado do Acre – ACRESCE**.

Responsável pela produção de *commodities*, como soja, minério de ferro e até petróleo, o setor primário da economia tem como principais atividades no Acre a Agricultura, a Pecuária e o Extrativismo.

Para este documento, foram consultados documentos como o Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE) do Acre – Fase III, produzido pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente, em 2021, com informações revistas e atualizadas sobre os espaços e territórios acreanos, de acordo com as Diretrizes Metodológicas estabelecidas pelo governo federal para o ZEE (Decretos nº 4.297/2002 e nº 6.288/2007).

Também foram utilizadas bases de dados da dentre os 37.356 estabelecimentos de agropecuária do Estado, conforme dados da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa, 2017), bem como as Contas Nacionais, o Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA) e a Produção Agrícola Municipal (PAM), todas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo que a última consolida a produção anual de 70 produtos agrícolas, dos quais houve acompanhamento de 23 no Acre em 2022.

2. CONTEXTO RURAL E URBANO

Em 2021, enquanto o Brasil tinha 91 milhões de hectares destinados ao plantio dos produtos acompanhados pelo IBGE, o Acre tinha 92,3 mil hectares, ou seja, 0,1% da área agrícola nacional (considerados os produtos da cesta).

No Acre, 47% das áreas são de proteção ambiental, como Unidades de Conservação e Terras Indígenas, totalizando 7,7 milhões de hectares. Com quase a metade de seu território formada por áreas protegidas, o Estado vem se destacando no cenário nacional quanto ao desenvolvimento de políticas públicas para regularização fundiária.

~~Para compatibilizar desenvolvimento econômico com proteção ambiental, diversos estudos sobre desenvolvimento sustentável ganharam força nas últimas décadas. Nesse sentido, essas pesquisas devem continuar e encontrar aplicabilidade na gestão pública, de modo a diminuir os índices de extrema pobreza, já que entre os estados da Região Norte, o Acre é o que exibe maior percentual. Em 2021, o Acre apresentou 16,5% de sua população vivendo em condição de extrema pobreza, com rendimento domiciliar *per capita* menor que US \$1,9 PPC. No Brasil esse percentual foi de 8,4%.~~

No Acre, as atividades agropecuárias representam 8% do PIB. De acordo com a metodologia do IBGE, o Estado possui nove municípios rurais. Já conforme critérios de classificação da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), que consideram rurais os municípios com densidade populacional abaixo de

80 habitantes/km², todos os municípios do Acre poderiam ser considerados rurais, pois a maior densidade populacional é a de Rio Branco, com 38 habitantes/km².

A recente pesquisa do Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE) do Acre, produzida pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente em 2021, confirma que Rio Branco tem a maior taxa de urbanização do Estado, com 91,82%, ou seja, a maior parte de sua população reside na zona urbana. Cruzeiro do Sul é o segundo município do Estado com a maior taxa, com 70,47%; e, por sua vez, Porto Acre apresenta a menor taxa de urbanização, com 13,32%.

Em 2022, havia 906.876 habitantes no Acre, vivendo em 164.221 km², distribuídos em 22 municípios. O Censo Agropecuário de 2017 (IBGE) apontava que, naquele ano, havia 126 mil pessoas no Estado ocupadas com atividades rurais em 4,2 milhões de hectares usados como atividade agropecuária.

Assim, a área rural do Acre corresponde a 1,2% da área rural do Brasil – pouco mais do que Roraima e Amapá juntos (0,8% e 0,4%), e menos do que a metade de Rondônia (2,6%). No Acre, 91,7% dessa área são formadas por estabelecimentos regularizados, volume superior à média brasileira (84,9%).

Os destaques no Estado ficam para áreas em processo de titulação definitiva por órgão fundiário (como processos de assentamento), que correspondem a 4,2%, enquanto no Brasil representam apenas 1,8%; e terras ocupadas (2,2%), que preenchem um percentual de área rural mais do que o dobro da média nacional (de 1,0%).

3. AGRICULTURA, PECUÁRIA E EXTRATIVISMO

Agricultura – As terras do Acre com mais aptidão para a agricultura ficam no eixo da BR-317 e parte da BR-364. A primeira liga o Sul do Amazonas com Assis Brasil, na divisa com Peru e Bolívia.

Entre os desafios para a intensificação sustentável da agropecuária no Acre estão a discrepância entre a produção familiar (83%) e os médios e grandes produtores (17%), dentre os 37.356 estabelecimentos de agropecuária do Estado, conforme dados da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa, 2017), além da desigualdade no acesso à assistência técnica para os estabelecimentos agropecuários.

Os municípios mais beneficiados são Marechal Thaumaturgo, Porto Acre, Feijó, Mâncio Lima, Porto Walter, Santa Rosa do Purus e Assis Brasil; enquanto aqueles que menos recebem assistência técnica são Sena Madureira, Manoel Urbano e Epitaciolândia.

~~Também há desafios em relação à necessidade de os produtores terem acesso à regularização fundiária, à assistência técnica e gerencial, além de crédito rural facilitado. No que se refere à infraestrutura rural, faz-se necessário que os ramais recebam manutenção permanente, que a armazenagem de grãos seja ampliada, que haja eletrificação e que a internet seja implantada com fácil acesso para todos do campo. Todas essas condições são desafios para fazer crescer a produção nacional de insumos agropecuários, prospectar novos fornecedores de fertilizantes (Peru, Chile) e adequar a tributação de máquinas e insumos (Fonte: Embrapa, 2022).~~

~~Entre as restrições para a implementação de inovações agropecuárias em larga escala no Acre, estudo da Embrapa (2022) aponta: a burocracia e as políticas inadequadas nas áreas de educação, crédito rural e licenciamento ambiental; a falta de mão de obra qualificada; a inexperiência dos produtores rurais em práticas de associativismo, cooperativismo e empreendedorismo; o alto investimento que as inovações tecnológicas requerem; mercadorias tributadas de forma inadequada;~~

~~condições precárias de estradas e armazenamentos; e a forte dependência de insumos importados.~~

De acordo com a pesquisa “Monitoramento de Áreas com Potencial Agrônomo e Econômico Imediato para Lavouras Comerciais no Acre” (Embrapa, 2017), as regiões com logística adequada (cidades e rodovias) para culturas comerciais, retirados os blocos remanescentes de floresta nativa, são os municípios de Rio Branco (92,3%) e Xapuri (1,2%), que somam 356.891 hectares. Sem a mesma infraestrutura, vêm Cruzeiro do Sul (5,8%) e Sena Madureira (0,6%) – os quatro municípios totalizando 381.521 hectares.

As regiões com logística e solos adequados para uso imediato em culturas comerciais, situadas em imóveis (de 400 a 10.000 ha), somam, em Rio Branco e Xapuri, 99.262 hectares. O resultado diminuiu para 84.290 hectares, quando a vegetação preservada é excluída (Cadastro Ambiental Rural – CAR/2016).

Dados de 2021 (MapBioma) mostram que os cinco municípios que mais usam suas terras para pastagem são Plácido de Castro (150.213 ha), Senador Guiomard (169.275 ha), Acrelândia (125.430 ha), Capixaba (93.105 ha), Epitaciolândia (87.154 ha). Já os municípios com mais área de floresta são Santa Rosa dos Purus, Jordão, Marechal Thaumaturgo, Porto Walter, Manoel Urbano e Feijó. (Fonte: Embrapa/2022)

Produção Agrícola – Enquanto no Brasil a área destinada ao plantio está em crescimento nos últimos anos, no Acre apresentou queda até 2020, com pequena recuperação em 2021 e a continuação desse crescimento em 2022.

A atual área de plantação no Acre é baixa em relação à média histórica, ultrapassando somente a área de plantio utilizada entre 1996 e 1998. De 1999 a 2016, em média, a área de plantio a cada ano foi de 118 mil ha (30,1% maior que 2022).

Enquanto o volume de produção dos 23 produtos agrícolas acompanhados pelo IBGE representam 100% da produção agrícola do Acre, no Brasil eles correspondem a 96% do volume produzido (quase sempre medidos em toneladas). No Acre, a produção da cesta de 23 produtos caiu 31,5% em 2022, em comparação a 2017. No mesmo período, a produção brasileira sofreu queda de 3,5%. Mesmo com a queda na produção, os anos de 2021 e 2022 foram marcados pelo aumento do valor recebido pelos produtores acreanos, o que pode ser reflexo do aumento de preços que o setor alimentício observou após a pandemia de 2020.

O IBGE calcula o rendimento agrícola dividindo a produção colhida pela área plantada. No conjunto dos 23 produtos, a comparação do rendimento médio brasileiro de 2022 caiu 9,5% se comparado a 2017. No Acre, a queda no rendimento desses produtos foi de 19,5% entre os períodos.

Também o IBGE divulgou estimativa de valor recebido pelo produtor rural de cada município, para cada produto. O conjunto de 23 produtos agrícolas representou 100% do valor pago ao produtor rural acreano, enquanto em âmbito nacional essa cesta representou 82% (ou seja, 18% são pagos para outros produtos não cultivados no Acre).

De modo geral, a estimativa de 2022 coloca o produtor rural do Acre recebendo, de 15% a 20% a mais do que em 2021, assim como em outros estados da região. Em Rondônia e Roraima, o volume recebido pelo produtor rural nessa cesta de 23 culturas foi proporcionalmente maior do que o volume de produção.

Ainda que tenha havido queda na produção e no rendimento desses 23 produtos, o valor pago ao produtor rural cresceu, ao menos de forma nominal. No total nacional, o crescimento em 2022 foi de 142% em relação a 2017. No Acre, porém, o crescimento foi de 60%. Considerando que a inflação foi de 30,5% no período, houve um pequeno avanço quando comparado com a média nacional. Até 2021, o Acre apresentou

crescimento real negativo na produção desses produtos, mas houve um crescimento de 18%, em 2022.

Com 91,2 mil hectares destinados ao plantio em 2022, a área no Acre foi a segunda menor do Brasil, à frente apenas do Amapá. Até o Distrito Federal e Sergipe possuem áreas maiores com agricultura (respectivamente, quase 174 mil ha e 301 mil ha destinados ao cultivo). O Amazonas dedicou 106 mil hectares à agricultura; Roraima registrou um pouco mais, 150 mil. Rondônia teve uma área de plantio 10 vezes maior que o Acre.

A produção de mandioca influencia muito os dados gerais, e a queda de cultivo reflete no diagnóstico de toda a Região Norte, devido a grandes áreas de plantio, e valor pago aos produtores. Em 2022, no Acre, apenas a mandioca, soja e café obtiveram produtividade superior à média nacional. Os demais 17 produtos agrícolas tiveram rendimento menor do que a média nacional (mais de 30%), sendo que mamão, arroz e palmito apresentaram rendimento de 70% a 90% abaixo da média nacional.

Além da mandioca (62%), a composição da produção agrícola do Acre inclui também, principalmente, milho (16%), banana (10%) e soja (2,8%) e cana-de-açúcar (1,4%), entre outros de menor percentual.

O município acreano com maior produção de mandioca é Cruzeiro do Sul (12% do Estado), seguido de Tarauacá (10%) e Mâncio Lima (9%). O maior rendimento ocorre em Cruzeiro do Sul, que reserva 55% de sua área agrícola para a mandioca, rendendo 25.060 kg/ha. Também apontam alto rendimento os municípios de Porto Walter e Mâncio Lima. Do total de valores recebidos pelo produtor rural, a mandioca participa com 54%.

Já em relação à segunda principal cultura, o Acre produz duas safras de milho. A primeira sempre foi baixa e representava 0,3% da produção nacional. A segunda safra cresceu a partir de 2012, e no Acre, a partir de 2022, mas se encontra em expansão e já se aproxima do rendimento nacional. Representa a 19ª maior produção no País.

Senador Guiomard e Capixaba são os maiores produtores de milho do Estado, com rendimento próximo da média nacional, e mais da metade de sua área de plantação dedicada a essa lavoura. Rio Branco, Porto Acre e Epitaciolândia também são grandes produtores de milho, porque dedicam extensas áreas a essa lavoura (51% da área com plantações), mas rendimento menor (proporção menor que 0,8). Com muita área plantada, porém pouca quantidade produzida de milho, o Acre está na 17ª colocação de rendimento dentre todos os estados brasileiros.

Pecuária de Corte – A pecuária bovina é a principal atividade produtiva do Acre. Hoje, o rebanho bovino está mais concentrado no Vale do Acre e representa quase 2% do rebanho nacional, sendo o 14º maior rebanho do País. A quantidade de cabeças no Acre é consideravelmente maior que em Roraima e no Amapá, mas ainda é 1/4 do rebanho de Rondônia.

Segundo dados de fontes estaduais e de associações voltadas ao desenvolvimento da agropecuária, o Acre detinha, em 2014, um rebanho bovino de 2.818.672 animais, distribuído em 22.526 propriedades (IDAF, 2015). Desde 2016, passou a ser um dos estados autorizados a exportar a carne para União Europeia. Também está apto a vender a carne bovina *in natura* para 77 indústrias brasileiras, que, por sua vez, podem exportar o produto enlatado aos países da União Europeia. Em 2021, alcançou o *status* de Zona livre de Febre Aftosa sem vacinação, concedido pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE).

O censo agropecuário de 2021 revela a estimativa de 4.047.283 cabeças no rebanho bovino. Entre os anos de 1975 e 2014, houve aumento expressivo do rebanho

bovino no Acre (2.250%). Em relação à distribuição desse rebanho, a capital possui o maior efetivo, em crescimento desde 2018, com 60% do efetivo bovino, em 2022.

De acordo com o Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal (IDAF), constata-se que 96% das propriedades têm rebanho inferior a 500 animais e detêm 56,9% do rebanho do Estado. Portanto, é possível concluir que a pecuária de corte e de leite no Acre é representada, em sua maioria, pelo trabalho de pequenos e médios produtores (apenas 4% são considerados grandes produtores com mais de 500 cabeças).

Suínos - Em 2022, o Acre bateu seu recorde de produção de carne suína, com 4,7 milhões de kg. O peso do animal no momento do abate cresceu, consideravelmente, a partir de 2012. Até então, o suíno pesava cerca de 50 kg, e, em 2018, chegou a 100 kg, a maior média do País naquele ano. Em 2021, o peso do animal no abate foi de 82 kg, 10 kg a menos que a média nacional. Os maiores criadores estão em Feijó (19%), Tarauacá, Brasiléia e Eitaciolândia (12% cada).

Produção de Leite – A produção de leite, assim como a de carne, está concentrada em Rio Branco e nos municípios do seu entorno. Cinco municípios apresentaram aumento da produção ao longo de todo o período: Acrelândia, Eitaciolândia, Feijó, Santa Rosa do Purus e Tarauacá.

A Pesquisa da Pecuária Municipal (PPM/IBGE) aponta que 81 mil vacas foram ordenhadas no Acre, em 2019, gerando uma produção leiteira de 56 milhões de litros neste ano. Desse total, cerca de 50% da produção veio de cinco municípios da região do Baixo Acre: Acrelândia (11%), Plácido de Castro (11%), Senador Guimard (10%), Rio Branco (8%) e Eitaciolândia (8%). Em 2022, o estado produziu 35 milhões de litros, 37% a menos que em 2016, e 6% a menos que a produção do ano anterior.

Os principais produtores se encontram a sudeste do Vale do Acre (Acrelândia, Plácido de Castro, Senador Guimard), mas a produção está relativamente pulverizada por todo o Estado.

Galináceos - Em média, o Acre cria 0,2% de galinhas e galos no Brasil. Mesmo sendo um dos menores criadores do país, está à frente de Roraima e Amapá. Os maiores produtores são os municípios de Brasiléia (15% do estado) e Senador Guimard (12%), seguidos de Eitaciolândia e Rio Branco (cerca de 9% cada).

Já a produção de ovos no Acre representa pouco mais do que 0,1% da produção nacional. O Estado conta com a menor produção de mel do País desde 2008 e chegou a 2020 produzindo apenas ¼ do Amapá, penúltimo Estado.

Piscicultura – Em volume de peixes (quilos), o principal é o tambaqui, muito explorado em todo o País, com o Acre como 11º produtor tambaqui; Rondônia é o maior do Brasil, produzindo mais que Maranhão (2º), Roraima (3º), Pará (4º) e Amazonas (5º) somados. O Acre também se destaca na produção de pirapitinga (30% da produção nacional), curimatã/curimbatá (17%) e piau, piapara, piauçu, piava (13,5% da produção nacional).

Extrativismo Vegetal – Esta é outra atividade produtiva importante e tradicional no Estado, tanto para o setor madeireiro como o não madeireiro, destacando a produção de borracha e castanha. Em 2022, o extrativismo do Acre gerou R\$ 123 milhões aos coletores, muito mais que no ano anterior (R\$ 115 milhões), o terceiro menor total dentre os estados da Amazônia Legal. Os principais setores acreanos foram látex, madeira e alimentos que, juntos, somaram 95% do valor pago aos extrativistas. O carvão vegetal somou 2% do valor.

O Acre foi o maior produtor nacional até 2001, quando sua produção decaiu. Nacionalmente, o volume produzido foi de R\$ 6,6 milhões e 99% dele na Amazônia Legal. Quase R\$ 6 milhões (62% do mercado nacional) foram provenientes do extrativismo no Acre. Xapuri recebe 22% do valor nacional. Com a produção de Tarauacá, Brasiléia, Sena Madureira, Capixaba e Feijó, o Acre alcança outros 40%.

Também o Acre responde por 1% do mercado nacional de toras e de lenha. Alguns estados da Amazônia Legal dominam 88% do mercado nacional de toras: Pará (43%), Mato Grosso (31%), Rondônia e Amazonas (7%) cada. O valor pago ao extrativista, em 2022, somou R\$ 43,5 milhões com a tora, e R\$ 6,3 milhões com a lenha. Feijó extrai 33% das toras, Sena Madureira e Bujari somam outros 33%, e Rio Branco também tem produção relevante.

A produção de lenha foi bastante dispersa entre os municípios do Acre, sendo que a cidade com maior produção é Cruzeiro do Sul, com 15%.

No ramo alimentício, a castanha-do-pará representa 58% do extrativismo do Acre, que, em alguns períodos, foi o maior produtor do país e sempre está entre os três primeiros. Em 2022, foi o segundo produtor, atrás do Amazonas, mas foi o Estado que mais recebeu (R\$ 178 milhões / 9,3% do mercado nacional ou 3,5% da receita total). Já o açaí somou R\$ 6,2 milhões e esse valor é de 0,72% do mercado nacional, do qual 80% estão no Pará, 12% no Amazonas e 5% no Maranhão. O volume total do extrativismo de alimentos no Acre foi de R\$ 65 milhões.

4. EXPORTAÇÕES

O ano de 2018 registrou maior volume exportado, com USD 45 milhões. Em 2022, ocorreu o segundo maior volume de exportação, num total de USD 40 milhões. A madeira era tradicionalmente o produto mais exportado pelo Estado entre 2006 e 2011. Suas exportações voltaram a crescer a partir de 2016 e há dois anos é o segundo produto mais exportado. Quase todas as exportações de madeira provêm de Rio Branco (44%), Manoel Urbano (32%, com alto crescimento em 2022) e Xapuri (21%).

No Acre, as exportações de produtos vegetais passaram a ter relevância a partir de 2004 (antes, a média era de 200 mil US\$ ao ano). Em 2020, as exportações triplicaram e passaram a ser o produto mais exportado, e em 2022, ultrapassou o volume de 2021. Os destaques são a soja e o milho.

O produto com maior valor exportado é a castanha: 20% de todo o valor nos últimos cinco anos; cerca de 2/3 das exportações são de Brasiléia, e 1/3 de Rio Branco.

O arroz acumulou 3% do total de exportações do Acre: 2/3 é de Etipaciolândia, e 1/3 é de Brasiléia. Em 2020, começou a haver exportação de arroz de Assis Brasil. O milho também acumulou 3% do total de exportações do Acre, e 90% são exportados de Etipaciolândia (10% em Brasiléia).

A soja é um produto novo no Acre: até 2019, as exportações eram inexpressivas; em 2021, já representava a segunda maior exportação (US\$ 7,2 milhões) e, em 2020, tornou-se o principal produto exportado (US\$ 14,3 milhões, 26% de toda a exportação).

Os produtos animais ganharam relevância em 2017, quando as exportações se quintuplicaram. Naquele ano, foi o produto mais exportado, e atualmente é o terceiro. Os destaques são carnes de aves (exclusivamente de Etipaciolândia) e de suínos (exclusivamente de Brasiléia). A exportação de carne de aves de Etipaciolândia está em crescimento e, nos últimos cinco anos, representou 10% de todas as exportações do Acre. Já a exportação de carne de suínos de Brasiléia tornou-se relevante a partir de 2019, sendo responsável por 4% das exportações do Estado desde então.

A exportação de vísceras e de miudezas está concentrada em Rio Branco e alcançou 6,6% das exportações do Estado nos últimos cinco anos, período em que Epitaciolândia foi o município com maior venda em exportações (28,5% do volume total de 2017 a julho de 2022), seguido de Rio Branco (27,8%), Brasiléia (19,2%) e Manoel Urbano (15,3%).

De acordo com o Observatório do Fórum Empresarial de Inovação e Desenvolvimento do Acre sobre exportações do setor agrícola do Estado, em 2022, o milho, a soja e derivados representaram 33% das exportações acreanas. Madeira e derivados, sendo 32,3% do total, seguidos da castanha-do-Brasil, que foi 17,9%. Bovinos e derivados na faixa de 9,3%, enquanto suínos e derivados com 3,1% das exportações.

Os principais países compradores dos produtos do Acre foram Bolívia (25%), Perú (25%), Estados Unidos (12%), Holanda (6,25%) e França (6%).